
desservies”). São analisados os fatores que favoreceram e dificultaram a implantação do programa, bem como a utilidade percebida por profissionais e usuários. A validade externa do estudo se amplia, considerando-se que o projeto traduz dimensões comuns das teorias de intervenção comunitária (globalidade da atenção aos indivíduos e suas famílias, multidisciplinaridade e colaboração intersetorial de organismos locais).

O artigo de Potvin et al. — “*Le paradoxe de l'évaluation des programmes communautaires multiples de promotion de la santé*” — é particularmente recomendado para os que se interessam pela avaliação dos programas de saúde, cobrindo diferentes localidades ou regiões e tendo como pressuposto “a participação da população em todas as etapas, da planificação à avaliação do projeto”. Descartando a possibilidade de restringir tais avaliações ao “credo epidemiológico ou quase-experimental” que tradicionalmente orienta a pesquisa avaliativa, os autores sugerem uma modelagem alternativa que não compromete a validade da pesquisa e integra as propostas locais de avaliação. O programa canadense para a redução da prevalência dos fatores de risco das doenças cardiovasculares foi utilizado como exemplo da aplicação do novo modelo.

A terceira seção (artigos já publicados) inicia-se com a descrição de três expressões da ética tecnocientífica, de base antropológica, no trabalho de Gilbert Hottois, intitulado “*Vérité objective, puissance et système, solidarité (D'une*

éthique pour l'âge technoscientifique)”.

Em seguida, Guy Durand nos apresenta a emergência e os desafios da bioética (“*De la deontologie médicale à la bioéthique*”), que recoloca a questão dos limites da pesquisa, em termos de moratória e interdição, para assegurar o respeito aos seres humanos e a sobrevivência da humanidade.

O artigo final — “*Croyance et doute: Une vision paradigmatique des méthodes qualitatives*” —, escrito pelo editor da revista, questiona o “realismo científico” dos que pretendem que a experimentação seja a única forma de conhecimento (“paradigma positivista”). Discutindo os fundamentos do positivismo e do construtivismo (abordagem interpretativa da realidade), o autor resume sua argumentação dizendo: “para o realismo, a certeza é a rotina; para o construtivismo, a dúvida é a rotina”.

Para tantas provocações seguramente não faltarão debatedores em nosso convívio acadêmico e no próximo número da revista. Vale a pena conferir... Aliás, esqueci de comentar que *Ruptures* tem uma textura de pesquisa e ensaio que torna a leitura agradável, mesmo depois de uma jornada de trabalho ou na pausa dos jornais de domingo.

Zulmira Maria de Araújo Hartz
Escola Nacional de Saúde Pública
Fundação Oswaldo Cruz

A Construção da Solidariedade: AIDS, Sexualidade e Política no Brasil. Richard Parker. Rio de Janeiro: Abia, IMS-UERJ, Relume-Dumará, 1994. (Série História Social da AIDS, vol. 3)

Organizado em sete capítulos distribuídos em três partes, o livro “A Construção da Solidariedade: AIDS, Sexualidade e Política no Brasil” constitui um aporte fundamental para vários setores, o público da academia, para pessoas engajadas na luta contra a AIDS, e para o público que busca informações sobre a epidemia no Brasil. Para os pesquisadores, este livro é uma oportunidade de conhecer uma forma de

vincular a teoria, no caso, uma linha de pensamento antropológico construcionista pós-moderno, com formas específicas de ação, isto é, a inserção na militância política como resposta a problemas sociais. Richard Parker, antropólogo da Universidade de Berkeley, se apóia em dados oriundos de pesquisas etnográficas, como os resultados da investigação efetuada em homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro. Elas fornecem não só dados empíricos do problema objetivado pelo pesquisador mas também conseguem contextualizá-lo no universo da realidade brasileira. A combinação destes elementos fornece uma imagem bem abrangente da história da epidemia e da maneira como se

articularam as respostas ao problema. Desta forma, Parker discorre por uma série de passos necessários para a compreensão integral do problema, enfatizando nas relações sociais informais e institucionais dos atores envolvidos.

São examinados sucessivamente, a forma de construção social da AIDS no Brasil, a construção do comportamento sexual (homo e bissexual) e a sua relação com a epidemia, e as diversas respostas à crise gerada por ela. Estas últimas oferecem uma oportunidade de rever as políticas públicas do Estado e as respostas de setores organizados da comunidade. Aprofunda-se na racionalidade da campanha do Ministério da Saúde ao longo de uma década, veiculada por vários meios, principalmente via televisão, e os seus conteúdos informativos e educativos.

Também resgata-se a história de vários movimentos da comunidade, entre eles os formados pelas próprias pessoas afetadas pela epidemia,

como o grupo Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente com AIDS-HIV (Grupo Pela Vida), criado por Herbert Daniel.

Finalmente, Parker reconhece a frustração de não ver os resultados de múltiplas pesquisas científicas transformados em ações efetivas de intervenção. Isto nos obriga a rever as formas das respostas à crise, sendo a proposta do autor a valorização da ideologia sexual brasileira e das suas particularidades com respeito à vivência do erótico. Também, se propõe a utilização desta interpretação cultural como subsídio para elaborar novas formas de assegurar a prevenção.

Edgar Hamman

Escola Nacional de Saúde Pública
Fundação Oswaldo Cruz